



## Projecto de Resolução n.º 700/XIV/2.<sup>a</sup>

### **Recomenda ao Governo que interceda pelas pessoas refugiadas deslocadas do ex-campo de Moria (Grécia)**

A impossibilidade de garantir as necessidades mais básicas obriga as pessoas a atravessar fronteiras, quando os seus países deixaram de ser capaz de assegurar as condições mínimas para uma vida em paz e segurança. São vários os pontos no globo em que a instabilidade tem vindo a ganhar amplitude, seja por via de conflitos étnico-raciais, por disputa de recursos energéticos e/ou minerais ou de outros recursos vitais como o é a água, que, neste caso, em face do impacte das alterações climáticas, tem contribuído para o agravamento do número de refugiados do clima.

De acordo com dados do [Eurostat](#), entre 2008 e 2012, registou-se um aumento gradual do número de pedidos de asilo na UE-27, como após este período o número de requerentes [aumentou a um ritmo mais rápido](#) até 2015. Não obstante nos anos subsequentes ter-se registado uma tendência de decréscimo, em 2019 o número de pedidos de asilo voltou a aumentar. Nesse ano, os requerentes de asilo junto da UE, provenientes de quase [150 países](#), sendo que de um total de 699.000 pedidos, 631.000 eram primeiros pedidos, num aumento de 12% face a 2018.

A Síria, que se encontra há nove anos a viver uma guerra civil de que terão já resultado mais de 400 mil mortes, é, desde 2013, o principal país de cidadania dos requerentes de asilo na UE-27. Em resultado deste conflito, 8 em cada 10 pessoas na Síria vive abaixo do limiar da pobreza; mais de 12 milhões de sírios necessitam de assistência humanitária; mais de metade dos habitantes viram-se já forçados a abandonar as suas casas; cerca de [5,6 milhões de pessoas já deixaram o país](#) e outros 6 milhões vivem como deslocados internos.

Em 2019, o aumento mais substancial registado relativamente ao número de pedidos (comparativamente com o verificado em 2018) foi entre pessoas nacionais da Venezuela (+101,9%), seguidos por Colômbia (+216,7%) e Afeganistão (+34,8%).



A instabilidade que se regista em diversos pontos do globo e que põe em causa o direito a uma vida tranquila e segura em contexto de paz é o que maioritariamente leva famílias arriscarem e partirem em busca de melhores condições de vida. Com efeito, de acordo com os [números disponíveis](#), no ano transacto, 207.000 pessoas que solicitaram protecção internacional tinham menos de 18 anos - e 7% delas (14.000) estavam desacompanhadas. Na sua maioria, as crianças e adolescentes que chegaram desacompanhados eram provenientes do Afeganistão, da Síria e do Paquistão.

No mesmo ano, o maior fluxo de pedidos de asilo registou-se, sobretudo, junto da Alemanha (23,3%), seguida pela França (19,6%), Espanha (18,8%), Grécia (12,2%) e Itália (5,7%). Estavam igualmente pendentes 929.000 pedidos de asilo, número que a [UE](#) sublinha ser “ligeiramente menos do que no ano anterior (941.000), o que sugere uma melhoria no tempo de processamento”.

Mas muitas pessoas aguardam *sine die* em [campos de refugiados](#) por uma resposta em [condições subumanas](#), agravadas pelo atual surto sanitário de COVID-19.

O incêndio que deflagrou no passado dia 09 de Setembro de 2020 no campo de refugiados de Moria, montado na ilha de Lesbos (Grécia), um dos maiores da Europa, veio chamar a atenção, da pior forma, da comunidade internacional para as condições em que viviam cerca de 13 mil pessoas, onde se incluem crianças, num espaço inicialmente delineado para acolher 2800 candidatos a de asilo, em situação transitória.

Entretanto, e com o recente anúncio da Comissão Europeia, relativamente à criação de um [Novo Pacto sobre Migração e Asilo](#), em relação ao qual os [Estados-Membros](#) não se entendem, os migrantes e refugiados em Lesbos foram transferidos para um novo local que dizem ser “abismal” e [pior](#) do que o campo de Moria, segundo os Médicos Sem Fronteiras. De acordo com esta organização, “*a esperança inicial de mudança após a destruição de Moria transformou-se num medo sem fim para aqueles que vivem dentro do novo campo. Temem ter acabado num novo Moria que é muito pior, com a pandemia global do coronavírus a aumentar as suas preocupações. Muitos sentem que nunca serão capazes de sair do que parece ser uma provação interminável*”. Os relatos no local dão, inclusivamente nota de que, ao contrário do sucedia em Moria, o novo campo não dispõe de casas de banho ou duche e que serão pelo menos já 240 os casos positivos para a COVID-19.



Assim, a Assembleia da República, nos termos do n.º 5 do artigo 166.º da Constituição, por intermédio do presente Projecto de Resolução, recomenda ao Governo que:

1. Que através dos diversos canais diplomáticos interceda junto da comunidade Internacional, nomeadamente, de entidades como a Comissão Europeia com vista a garantir às pessoas refugiadas, afectadas pelo incêndio de Moria, um local com condições existenciais dignas;
2. Que acelere o processo de acolhimento e integração que está a ser preparado pelos ministérios do Trabalho, Solidariedade e Segurança Social e da Presidência, que tutela as Migrações, tendente ao acolhimento de 500 menores não acompanhados do total de 5.000 que se encontram nos campos da Grécia.

Assembleia da República, Palácio de São Bento, 07 de Outubro de 2020.

As Deputadas e o Deputado,

Bebiana Cunha

Inês de Sousa Real

Nélson Basílio Silva